**cinemateca portuguesa-museu do cinema**

**revisitar os grandes géneros: film noir | disponíveis para o noir**

**16 e 18 de Novembro de 2021**

**rafles sur la ville / 1957**

*um filme de* pierre chenal

*Realização*: Pierre Chenal *Argumento*: Jean Ferry, Paul Andreota, Pierre Chenal *a partir do romance de* Auguste Le Breton *Diálogos*: Pierre Vial-Lesou, Paul Andreota *Fotografia*: Raymond Lemoigne *Montagem*: Suzanne Rondeau *Som*: Pierre-André Bertrand *Música*: Michel Legrand *Coreografia*: Jacques Ary *Decoração*: Lucien Aquettand *Guarda-roupa*: Nanda Belloni *Caracterização*: Jean Ulysse, Marc Blanchard (*cabelos*) *Anotação*: Alcie Ziller *Assistentes de realização*: Tony Aboyantz, Jean Léon *Régisseur*: André Chabrol *Interpretação*: Charles Vanel (Léonde Pozzi, Le Fondu), Bella Darvi (Cri-Cri), Michel Piccoli (Inspector Vardier), Danik Patisson (Lucie Barot), François Guérin (Inspector Gilbert Barot), Marcel Mouloudji (Lucien Donati, Le Niçois), etc.

*Produção*: Les Films Metzger et Woog (França, 1957) *Produtor*: Robert Woog *Direcção de produção*: Hugo Bénédek *Cópia*: 35 mm, preto-e-branco, legendado electronicamente em português, 82 minutos *Estreia*: 15 de Janeiro de 1958, em França *Inédito comercialmente em Portugal.*

**\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

Quando o cinema era *noir* trilhando os caminhos do policial francês do século XX em ricochete com o cinema criminal de Hollywood dos anos 1940 e 50, alimentava-se do romance. “Série noire” é, sabe-se, o nome da célebre colecção da Gallimard fundada em 1945 por Marcel Duhamel, agregadora de livros de “acção, angústia, violência” em que não há necessariamente mistério e podem encontrar-se “polícias mais corruptos do que os criminosos que perseguem”. Jacques Prévert tê-lo-á inventado e é plausível que tenha sido a este nome de série literária que o crítico francês Nino Frank foi buscar o termo com o qual baptizou, no ano seguinte, o núcleo de filmes americanos em que reconheceu um mesmo ambiente de escuridão cinematográfica. O nome vingou, o *film noir* alastrou e infiltrou outras paragens.

Entre os autores franceses publicados na “Série noire” (pontuada por recomendáveis americanos, a começar por Raymond Chandler e Dashiell Hammett), evidenciaram-se, em 1953, Albert Simonin com *Touchez pas au grisbi!*, logo adaptado ao cinema por Jacques Becker; e André Le Breton com *Du rififi chez les hommes*, seguido em 1954 por *Razzia sur la chnouf*, que Jules Dassin e Henri Decoin filmaram (respectivamente em 1958 e 1955). A relação estreita do prolífero Le Breton com o cinema francês fica marcada pela influência de *Du rififi*, que o escritor declina numa longa série de romances nos anos 1950/60, celebrando a invenção da palavra *rififi*. *Razzia* e *rafles* são pré-existentes, parecendo indicar que o escritor gostava da sonoridade das palavras quando pensava em rixas e rusgas. *Rafles sur la ville* é publicado “sem série” na Presses de la Cité em 1955, dois anos antes de chegar ao cinema com a assinatura do realizador Pierre Chenal (1909-1990), de quem os espectadores da Cinemateca não puderam até ao momento ver muita coisa, mas que terão, talvez, descoberto em projecções de *Paris Cinema* (1929) ou mais recentemente *Sangre Negra* (1951) e *L’Alibi* (1937).

Nascido na Bélgica, Chenal, que trabalhou em França, a partir dos anos 1930, mas também na Argentina e no Chile, na década seguinte, não tem sido muito mostrado, não só por aqui. A Cinémathèque Française apresenta-o como ocupando “um lugar desconfortável na história do cinema francês: relativamente desconhecido está catalogado como um cineasta cujo legado é uma obra meramente ligeira. Vista ao pormenor, a sua filmografia tende a mostrar o contrário”. Entre outras características revelando como antes de se encantar com o *polar* (de que *Rafles sur la ville*, e os posteriores *La bête à l’affût* e *L’assassin connaît la musique* fazem prova), Chenal se mostrou sensível a adaptações de contemporâneos como Pirandello, Jack London ou James Cain (é sua a primeira adaptação de *O Carteiro Toca Sempre Duas Vezes* / *Le Dernier tournant*, 1939). Fica referenciado.

Quando *Rafles sur la ville* estreou em França, o crítico do *Le Monde* não exaltou, notando a solidez da realização de Chenal, a boa distribuição dos papéis no elenco encabeçado por Charles Vanel e Michel Piccoli, mas sobretudo o gosto de Le Breton pelas personagens cruéis e as situações não conformistas aqui explorado no sentido da paixão amorosa que anima os seres, grandes personagens românticas as de Breton. Confere. Mas, escreve Jean de Baroncelli – “Mais um policial.” Nos *Cahiers du cinéma* (em Abril do mesmo ano), Jean-Luc Godard assina a nota que o século XXI resgatou resgatando o filme, “Simpático”: “[…] No que me toca ponho-o em terceiro na minha lista, logo depois de *Grisbi* e *Riffi*. Porquê? Simplesmente porque por uma vez os chuis franceses são apresentados como pessoas normais, gente com reacções comuns […]. Tudo isto se deve à mise-en-scène de Pierre Chenal? Não é certo. Há algumas boas ideias. A do final, quando Piccoli, possuído pelo remorso, se lança sobre a granada lançada por Vanel nas instalações da esquadra de polícia e morre no meio dos seus camaradas ilesos. Um filme verdadeiro, diz a publicidade. Eu digo: um verdadeiro filme.”

Irresistível citá-lo, porque tem razão ao destacar a humanidade das personagens e a cena final, *verdadeiramente* notável. Isto dito, não é possível não achar que JLG se terá lembrado do Inspector Vardier do “admirável Piccoli”, que também adjectiva na dita nota, quando lhe entregou a personagem do Paul de *Le Mépris*, e que algo desta cena no filme de Chenal passou para a explosividade de Belmondo a vermelho e azul e céu aberto em *Pierrot le fou*. Se há de facto boas ideias, a melhor delas é o surpreendente desfecho de *Rafles sur la ville*, no interior da esquadra onde o polícia e o criminoso da história se encontram, em certa medida virados do avesso e marcados pela fatalidade do destino. Caem por terra, em implosão (o jovem polícia), em queda em frente (o velho criminoso). Continua entre escombros, a vida na esquadra, cujo quotidiano se presta a bons momentos anteriores, lembrando os anos 1980 televisivos de *Hill Street Blues* na linhagem mais directa de *Detective Story* (William Wyler, 1951).

O encontro entre os dois protagonistas dá-se no início, no telhado da fuga nocturna de Le Fondu (a personagem de Vanel) com homicídio do parceiro do Inspector Vardier. *Rafles sur la ville* prossegue com os dois em lados opostos da barricada no percurso de perseguição e vingança que ambos atravessam a viver paixões, com ciúme, que não correm bem. Hélas. A ambiguidade das personagens, brutais, indecentes, contrasta com a decência do novo parceiro polícia temporário (por cuja mulher Vardier se perde, começando por controlar cinicamente a situação) e com a fraqueza do sobrinho do criminoso (testado pelo criminoso com a implacabilidade que se espera). “O nosso trabalho é evitar as sacanices, não é perpetrá-las”, diz um polícia correcto ao sacana Vardier, que não deve ter tempo para se lembrar da frase nos instantes que decorrem entre o vislumbre e a explosão da granada. Mas, cortada entre os grandes planos e a escala das outras imagens da cena, a mise-en-scène dá-lhe espaço para um último gesto, fazendo do corpo escudo e da alma um reflexo.

Maria João Madeira